

## DE RODEIO PARA MATO GROSSO

### Primeiro broto missionário!

*“Mato Grosso terra de missão, onde a Irmã Catequista se fez pão”*

*Ir. Zenilda Novais Rocha*

Irmão, irmã, venha comigo mergulhar no túnel do tempo, sem o conforto da modernidade, visitando o sertão mato-grossense nos anos 1749. Será uma deliciosa aventura!!!

Lá em *“Chapada dos Guimarães, rica em florestas e mananciais, onde ainda viviam os últimos irmãos índios,”* Frei Antônio do Extremo, lançou as sementes incorruptíveis do Evangelho. Depois, de 1751 a 1759, quando foram expulsos, os Jesuítas fundaram a *“Aldeia Velha”*. Daí para frente, numerosos Padres atenderam temporária e sucessivamente a extensa região.

Preocupado com a população de 15.000 habitantes, dispersa imenso num território de 142.000 Km<sup>2</sup> Dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá, pediu socorro aos franciscanos da Província de Santa Isabel da Turíngia, com sede em Fulda-Alemanha que enviara Frades ao Brasil em 1937.

No dia 22 de janeiro de 1939 os franciscanos assumiram a extensa Paróquia do Santíssimo Sacramento de Sant’Ana de Chapada dos Guimarães elevada à categoria de Prelazia aos 13 de julho de 1940, confiada aos Frades alemães. Frei Vunibaldo Talleur, foi nomeado Administrador Apostólico da Prelazia de Chapada e sagrado Bispo no dia 07 de março de 1948. Este, com grande humildade aceitou a missão dizendo: *“É um lugar abandonado e pobre, realmente apropriado para os pobres filhos de São Francisco”*.

Os ardorosos missionários não mediram esforços para se aproximarem ao máximo do povo. *“De Chapada partiam para longas e perigosas viagens de desobriga no imenso sertão e extenso pantanal à procura do povo faminto e sedento de Deus”*. Nesses contatos foi crescendo o conhecimento das necessidades vitais: saúde, educação, transporte, catequese... Assim, como resposta aos desafios encontrados, os freis foram construindo escolas católicas, internatos para meninos e meninas e um hospital em Chapada. *“A messe é grande, mas os operários são poucos.”* Era preciso conseguir Irmãos para cuidarem da educação, da catequese, da saúde, da formação... Muitos foram os apelos, porém quem poderia enfrentar a dura realidade de Mato Grosso? Viver quase sem nada, privar-se do necessário, enfrentar

riscos de passar fome, sede, morar sem nenhum conforto... Privar-se até de celebrar e receber a santa eucaristia!!! Era duro demais. Quem se arriscaria a tanto? E as estruturas das congregações da época permitiriam?

Este foi sem dúvida, o maior obstáculo que Dom Vunibaldo encontrou ao bater às portas das Congregações para pedir Irmãs. Providencialmente foi informado da existência de uma Congregação, cujo perfil atenderia às exigências da Prelazia. Leu as Constituições e aí encontrou o que buscava: Irmãs simples, Irmãs do Povo., inseridas nas comunidades da roça, próximas às famílias, assumindo as mesmas condições. Seu ardoroso coração missionário encontrou eco no coração zeloso e ardente de Irmã Maria Avosani, Superiora da recém fundada Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, na pequena Rodeio, interior de Santa Catarina. Doente, acamada e prestes a partir para a eternidade (fevereiro de 1945) Irmã Maria Avosani recomenda à Irmã Luiza Mondini, sua sucessora, que atenda logo o pedido de Dom Vunibaldo. (Carta de 20 de junho de 1944)

Insistente e ansioso, em de 19 de março de 1946 Dom Vunibaldo reitera o pedido e clama por resposta urgente. Após discorrer sobre a situação geográfica e social conclui: ***“Uma só coisa dificultará tudo, e estamos falando francamente: as irmãs acharão nada de conforto! Não há nenhuma casa de tijolos aqui, não há padaria, nem luz, nem água encanada, e às vezes se passam muitas semanas sem carne fresca! Não há correio, nem rádio, nem jornal, muito pouco e sem regularidade na condução para Cuiabá ou Campo Grande. É assim que podemos convidar somente Irmãs que querem ser vítimas de sua vocação.”***

Em carta circular, enviada a toda Congregação, o Padre Diretor, Frei Hugolino, expôs o pedido enfatizando suas exigências: *“Conhecendo vosso espírito apostólico, não duvido, nem por um momento, que haja dificuldades de vossa parte, de ir tão longe, para terras tão incultas, para voltar depois de vinte anos ou para nunca mais voltar de lá e tudo isto só por amor às almas.”* A carta e as informações sobre a realidade longe de intimidar ateou a chama missionária que já ardia no coração de muitas irmãs. Podemos imaginar a reação, o movimento, as conversas, a preocupação diante de tamanhas exigências de um lado e de outro o entusiasmo, a coragem, o zelo e a audácia missionária das irmãs em sua maioria jovens na jovem Congregação. Certamente não foi fácil para o Governo da Congregação definir quais seriam as “vítimas” a partirem para o distante, desconhecido e temido Mato Grosso, terra de animais selvagens, índios, sertanejos, pobreza e total desconforto. Mas para Deus nada é impossível. Foram muitas as interessadas e animadas,

mas a escolha recaiu sobre apenas três: Ana Echer, Luzia Maria Schweitzer e Thereza Marangoni.

Começaram os preparativos. Em primeiro lugar um reforço espiritual e o contato mais próximo possível com a realidade. Dom Vunibaldo orientou em dezembro de 1946 o retiro anual da Congregação. Em seguida vieram as despedidas das Irmãs, das formandas, dos familiares e, na véspera da partida, uma bênção especial do Padre Diretor Frei Hugolino e dos Freis de Rodeio e a emocionada despedida das Irmãs da Casa Mãe. Vamos imaginar também o cuidado, a partilha fraterna, a preocupação em acomodar em caixas e caixotes o mínimo útil e necessário para iniciar a missão onde nada existia.

Dia 21 de fevereiro de 1947 muito cedo, as três missionárias, acompanhadas pela Irmã Luiza Mondini, Superiora Geral, partiram de carroça até Ascurra, onde embarcaram no trem para Blumenau. Estava iniciada a longa e penosa viagem com muitas paradas e esperas em Curitiba, São Paulo e Campo Grande. No dia 30 de março iniciaram o último trecho num “pau de arara” na estrada que mais parecia uma picada no meio do mato, com muitos atoleiros e pontes perigosas. Sobre a carga, as irmãs, Dom Vunibaldo e um Frei embarcaram prevenidos para se defenderem dos galhos das árvores que açoitavam sem clemência os viajantes. Os buracos, as pontes os atoleiros obrigaram a fazer inúmeras paradas, descidas e subidas e caminhadas a pé. Dormiam em barracos, quando encontravam e preparavam a comida à beira da estrada. A semana Santa foi verdadeiramente santificada com muito sacrifício, calor, sol, poeira, lambadas no rosto, na cabeça, fome, sede, mas com muita alegria no coração, fortalecida pela oração e fraterna comunhão. Finalmente, na Sexta Feira Santa, dia 04 de abril, chegaram ao tão sonhado chão missionário. O caminhão parou no último atoleiro, mas as missionárias, acompanhadas pelas pessoas que as receberam subiram a pequena colina à pé e felizes chegaram à pobre choupana de pau a pique, coberta com folhas e babaçu, carinhosamente preparada pelos Freis que as esperavam em Fátima de São Lourenço, estação missionária, sonhada por Dom Vunibaldo. Estava lançada a semente que logo foi se transformando em árvore frondosa, frutífera e acolhedora.

Após reconhecerem o local, rapidamente organizaram a pequena mudança em seus devidos lugares. Celebraram a Páscoa na Terra Prometida com cânticos de louvor e Ações de Graças.

Agora era colocar a mão na massa. Dia 09 de abril iniciaram com coragem, alegria e entusiasmo as aulas, com os nove alunos das cinco famílias que residiam em Fátima. A escola foi atraindo os moradores da região e ao final do ano eram 96 alunos matriculados. As irmãs desde o início se dedicaram à educação, catequese de crianças e adultos,

celebravam o culto na ausência dos Freis, a reza do terço, cuidavam dos doentes, orientavam as meninas na escola doméstica, a cavalo visitavam o povo da redondeza antes das principais festas e da Semana Santa e nas férias acompanhavam os freis nas desobrigas, em longas viagens. Nos internatos acolheram meninos e meninas cujos pais não podiam mudar para a Vila. Desde o início cuidaram do cultivo das vocações.

Em seu livro, Irmã Ede registrou uma avaliação de Frei Eucário sobre as irmãs: “Estou muito satisfeito em ver que as nossas missionárias estão contentes com o nosso e com seu próprio trabalho e com as novas condições de vida. As Irmãs sabem acomodar-se em tudo ao novo ambiente. Mostram sempre o verdadeiro espírito franciscano, espírito de pobreza, simplicidade e santa alegria. Certamente não faltam sacrifícios... O trabalho das Irmãs aqui é o maior auxílio possível para nossos trabalhos pastorais e missionários”.

Em 1949 as Irmãs iniciaram em condições precárias a atuação em Rondonópolis, com a Escola Sagrado Coração de Jesus.

As sementes se espalharam e novas irmandades foram surgindo e ampliando a ação missionária no rico solo de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul atingindo mais de trinta comunidades. O sonho de inserção junto aos povos indígenas se tornou realidade em 1980 quando Irmã Maria Ossemer foi morar no Posto Indígena General Carneiro e Irmã Valdina Tambosi na Aldeia Piebaga em 1992 com o povo Boe Bororo. Posteriormente esse compromisso se estendeu a outros povos: Nambikwara em MT e Terena, Guarani Kaiowá-MS, Povos do Rio Negro e Deni e Kanamari em Itamarati/AM.

Os ventos renovadores do Concílio Vaticano II, atingiram os espaços da Congregação e despertaram um novo olhar para dentro e para fora interferindo na transformação das estruturas. A Assembleia realizada em 1967 decidiu pela criação de Províncias inclusive a de Mato Grosso, com sede em Rondonópolis. A primeira etapa do Capítulo Geral Especial (1968) confirmou e ampliou a decisão concedendo-lhe o título de Província Santa Teresa do Menino Jesus, por seu caráter essencialmente missionário e nomeou Irmã Thereza Marangoni para o serviço de Superiora Provincial. O primeiro Capítulo da Província realizado em 1969 a manteve na missão de animar as Irmãs e administrar a Província, serviço que ela desempenhou com dedicação, zelo, coragem e muito amor por dois mandatos sucessivos.

Ao celebrar 40 anos de Missão, com a presença significativa das pioneiras: Ana, Lucia e Thereza, da Irmã Luiza Mondini e Frei Hugolino a Província Santa Tereza do Menino Jesus enviou, as primeiras irmãs, para Urucará no Amazonas, atendendo ao pedido de Dom Jorge Marskel, da Prelazia de Itacoatiara. Os clamores de lá nos impeliram a

peregrinar para vários lugares: Manaus, Urucurituba, Barcelos, Carauari, São Gabriel da Cachoeira, Itamarati.

Em 1983 Irmã Amália Cristofolini, membro desta Província, integrou a primeira fraternidade enviada para Angola-África.

Clamores bolivianos nos atraíram para o altiplano, precisamente à Marágua em 1996.

Já se passaram 66 anos de mergulho cada vez mais profundo nessas realidades, tecendo soluções alternativas, abrindo as mãos para dar e acolher ajuda de parceiros (as), aliados (as), amigos (as) abertos à missão de anunciar Jesus Cristo e o seu Reino.

Atentas às exigências do seguimento de Jesus Cristo e ao clamor dos pobres, em simplicidade, disponibilidade e alegria as irmãs, na última Assembleia Capitular assumiram o compromisso de: Educar para a fé e cidadania, na perspectiva franciscariana de defesa da vida, da paz e da ecologia, participando em redes e parcerias da construção de um projeto alternativo de sociedade, atentas aos clamores dos: assentados, migrantes, indígenas, ribeirinhos, moradores de rua, dependentes químicos, mulheres, juventudes, canavieiros.

Confiantes na bondade e ternura misericordiosa de Deus, Pai-Mãe, com audácia, coragem, humildade e muito amor no coração queremos caminhar sempre, conscientes de que sob o olhar e a proteção de Maria, a Estrela da Evangelização, de Santa Teresa do Menino Jesus nossa Padroeira, de São Francisco e Santa Clara, inspiradores da espiritualidade que nos anima nunca perderemos de vista nosso ponto de partida. DEUS SEJA LOUVADO!

**Fontes:**

1. VALANDRO, Ede Maria CF , Em resposta ao clamor do povo, 1990.
2. KMOB, Pedro, A Missão Franciscana no Mato Grosso, 1988
3. MARANGONI, Thereza CF , Memórias , caderno.
4. Convivência com as Irmãs Lúcia e Thereza.